



(DES)SEXUALIZANDO: AGENCIAMENTOS DESEJANTES EM UMA PESQUISA COM JOVENS¹

(DES)SEXUALIZANDO: AGENCIAMENTOS DESEJANTES EN LA INVESTIGACIÓN CON JÓVENES

(DE)SEXUALIZING: DESIRING AGENCIES IN RESEARCH WITH YOUNG PEOPLE

Simone Cristina de Amorim²

Marcos Roberto Vieira Garcia³

RESUMO

Este artigo trata da descodificação dos códigos culturais de compulsoriedade, remetida à sexualidade de jovens, a partir da concepção deleuze-guattariana de agenciamento. Analisa o agenciamento juvenil da (des)sexualidade e investiga as capacidades de afetar e serem afetados de alunos da iniciação científica do ensino médio (IC-EM). O campo foi realizado em três escolas públicas de uma cidade do interior paulista, acompanhadas longitudinalmente por quatro anos e meio, como parte de uma pesquisa participante. Estes jovens puderam abordar o assédio, as violências morais e sexuais, gravidez, infecções sexualmente transmissíveis, e questões de saúde mental associadas a esses temas. A pesquisa possibilitou a ampliação do leque de enunciações sobre a sexualidade, que incluiu a prevenção do abuso e o uso do prazer em seus próprios agenciamentos maquínicos. O espaço protegido da pesquisa pode fortalecer o clima amistoso e propiciou que as capacidades de afetar e serem afetados dos IC-EM se intensificassem.

PALAVRAS-CHAVE: Agenciamento deleuze-guattariano. Jovens. Ensino médio. (Des)sexualidade.

¹ Agradecemos à CAPES pela bolsa de doutorado. À FAPESP pelo incentivo financeiro nos processos 19/19524-6, 17/25950-2 e vinculados. E ao CNPq pelas bolsas de Iniciação Científica e de Iniciação Científica de Ensino Médio para os jovens da pesquisa temática.

² Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar-So. Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, SP, Brasil.

³ Doutor em Psicologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da USP-SP. Docente permanente do Departamento de Ciências Humanas e Educação da Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, SP, Brasil.

RESUMEN

Este artículo se ocupa de decodificar los códigos culturales de compulsión, referidos a la sexualidad juvenil, a partir de la concepción deleuze-guattariano de agenciamiento. Analiza la agenciamiento juvenil de la (des)sexualidad y investiga las capacidades de afectar y ser afectados de estudiantes de iniciación científica de secundaria (IC-S), de tres escuelas públicas de una ciudad del interior de São Paulo, seguidos longitudinalmente durante cuatro y un medio año, como parte de una investigación participante. Estos jóvenes pudieron abordar el acoso, la violencia moral y sexual, el embarazo, las infecciones de transmisión sexual (ITS), así como problemas de salud mental asociados a estos temas. Esto permitió ampliar el espectro de afirmaciones sobre la sexualidad, que incluían la prevención del abuso y el uso del placer en sus propios agenciamientos maquínicos. El espacio de investigación protegido puede fortalecer el clima amigable y ha permitido que se intensifique la capacidad del estudiantes de IC-S de afectar y ser afectado.

PALABRAS-CLAVE: Agenciamiento deleuze-guattariano. Jóvenes. Secundaria. (Des)sexualidad.

ABSTRACT

This article deals with decoding the cultural codes of compulsion, referring to young people's sexuality, based on the Deleuze-Guattarian conception of assemblage. It analyzes the youth assemblage of (dis)sexuality and investigates the capacities of high school scientific initiation (HS-SI) students to affect and be affected. The fieldwork was carried out in three public schools in a city in the interior of São Paulo, followed longitudinally for four and a half years as part of participatory research. These young people were able to address harassment, moral and sexual violence, pregnancy, sexually transmitted infections, and mental health issues associated with these topics. The research made it possible to expand the range of statements about sexuality, which included the prevention of abuse and the use of pleasure in their machinic assemblage. The protected research space can strengthen the friendly climate and has intensified the HS-SI student's ability to affect and be affected.

KEYWORDS: Deleuze-Guattari assemblage. Youth. High school. (Dis)sexuality.

* * *

Introdução

Este artigo é produto de uma tese desenvolvida a partir da pesquisa de campo de quatro anos e meio, com jovens que realizaram iniciação científica do ensino médio (IC-EM), em três escolas públicas de uma cidade do interior paulista. Essa pesquisa é, também, parte integrante de uma pesquisa temática, realizada em nove escolas de três cidades do estado de São Paulo (capital, litoral e interior). No presente artigo nomearemos “pesquisa de doutorado” a pesquisa desenvolvida em contexto local, com acompanhamento longitudinal de três escolas, e, “pesquisa temática” ao que foi desenvolvido no conjunto das nove escolas do projeto como um todo.

A acepção de agenciamento da pesquisa de doutorado é utilizada aqui a partir da terminologia formulada no decorrer de várias obras dos autores Gilles Deleuze e Félix Guattari. Dito esquematicamente, a noção de agenciamento aparece com sentido parcial inominado ainda em *O Anti-Édipo* (2010a), ganha consistência ao cindir o agenciamento coletivo de enunciação (ditos) do agenciamento maquínico (corpos) em *Kafka por uma literatura menor* (2003), mas só resolve as suas várias matérias constitutivas ao antagonizar a/à noção de estrato (o que é tal como está sendo em sua forma agora) — com a concepção das máquinas abstratas (desejo e seu produto simultâneo) — em *Mil Platôs* (1996, 1997a, 1997b e 1997c).

Neste artigo a tetralvência didática que as noções de agenciamento — e, também, de juventude — convocam serão exploradas junto de suas multiplicidades. A (des)sexualidade emergiu como um dos agenciamentos da pesquisa de campo do doutorado, decerto o mais imprescindível deles, por estar de imediato dado nos entrecruzamentos produtores e produtos do que é experimentado no corpo dos jovens. As encruzilhadas desejanter juvenis são tomadas como produções ramificadas a partir do cotidiano escolar, ainda que permeadas, em certa medida, de violências, de busca por diferenciação da família e de anseios de acolhimento pelos pares.

Quando alguém desses jovens diz que deseja um moletom, uma camisa, um sapato, um vestido, um sutiã tal, um short, uma bermuda, uma cueca assim e assim, um cinto de arco-íris, uns cadernos, uma agenda, um cropped, *whey protein*, um console, uma paleta de sombras, um boneco, um turbante, uma chapinha, *dreads*, um celular tal, uma goma vitaminada etc., etc., não é a quaisquer uma dessas coisas que deseja, mas, também, se as deseja, não o faz enquanto abstração. Querem todo o contexto que vem junto: ser aceita/o/e na entrevista de emprego, ficar confortável em casa, ter uma rotina de atividades físicas, estar confiante para encontrar o/a *crush*, planejar os estudos para passar no vestibular, trabalhar e/ou empreender, encontrar reconhecimento no grupo etc. Esse elemento material organiza o desejo com o conjunto desejado. Para Deleuze, se há algum termo abstrato que corresponde ao desejo, esse termo é ‘construtivismo’ (Gilles Deleuze; Claire Parnet, 1988).

Se um jovem pertence às multiplicidades da juventude, a noção comum de juventude está pressuposta de maneira tácita, intuitiva e não precisa de grandes explicações, porém situar juventude em teoria não é tarefa dada. Na quadripolaridade da noção deleuze-guattariana de agenciamento, “juventude” se dá de diversos modos. Se definida em seu pólo mais estratificado – no Estatuto da Juventude (2013) – são

“consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos”, o Estatuto da Criança e Adolescente (ECA) é aplicado para “adolescentes com idade entre 15 (quinze) e 18 (dezoito) anos” (BRASIL, 2013, p. 01). A idade definida por critérios culturais para a juventude foi observada por François Dubet (1996) em contraponto à definição por meio de como cada jovem está distribuído no mundo social.

Os agenciamentos maquínicos e os agenciamentos coletivos de enunciação (Deleuze, 2003, 2006; Deleuze & Guattari, 1992), tantos dos jovens, quanto de outros seres que lhes atravessam, são dependentes de uma série irredutível de interações. Os agenciamentos maquínicos situam a inserção e a localização de cada jovem, bem como o uso de cada uma de suas partes físicas, todavia, estas dependem de um entrecruzamento desejante para seus movimentos. Os agenciamentos coletivos de enunciação mostram as variadas expressões jovens, linguagens ou não, lembrando que aqui se rejeita a centralidade do ‘*sujeito*’ de enunciação enquanto princípio expressivo (Deleuze, 2003, 2006; Deleuze & Guattari, 1992). Já o pólo máquina abstrata (Deleuze; Guattari, 1997b) traz a – juventude ‘de espírito’ – tem menos a ver com formas, mas mais com modos de afecção.

Junto aos jovens, falar sobre todas as partes do corpo, seus fluidos, orifícios, saliências e reentrâncias, além do prazer que podem ou não proporcionar, esteve longe de ser tema pacífico nas escolas durante esses quatro anos e meio de pesquisa de campo. Se, para a equipe de pesquisa, lidar com as questões da sexualidade dos estudantes era algo esperado, nas escolas, pairava um clima de receio com a reação dos pais. Iniciar as conversas pela positividade institucional das práticas científicas e acadêmicas junto às universidades renomadas, ou ainda, pelo argumento da proteção contra abusos sexuais e morais, que a educação sexual poderia propiciar, veio se fortalecendo como ponte para a efetivar uma prevenção integral (Vera Paiva; Garcia, 2022).

Alcançar a prevenção integral passa pelas informações sobre as práticas sexuais, dentre várias outras. O corpo recortado, corpo sem saliva, sem língua, sem peitos, sem bunda, sem ânus, sem períneo, sem pênis, sem vulva, sem pelos, sem glândula, sem clitóris, sem tesão, sem fluidos, sem mãos etc, é um corpo que só existe na ficção racionalista. A confusão entre a função de ensinar e a de se fazer obedecer, na escola, impõe uma agonística cruel mesmo para os professores e gestores com posturas das mais democráticas. O que seria a obediência de um corpo só com essas partes recortadas?

Não por acaso, Rogério Junqueira (2018) aponta as escolas como alvo preferencial para a instauração sistemática da ofensiva antifeminista, de pânico moral, pois seus

entusiastas visam restringir a circulação das informações sobre saúde e direitos sexuais, com a opressão das pessoas por meio de arbitrariedades. Ocorre que a escola traz um sinal dúbio a ser destrinchado. Para Deleuze (1997a), os marcadores sintáticos do poder no ensino impõem coordenadas semióticas duais, o professor “não se questiona quando interroga um aluno (...) ‘ensigna’ dá ordens, comanda” (Deleuze, 1997a, p. 11), em uma linguagem na qual não é para o aluno pensar se acredita ou não nela. Foi feita para obedecer.

Nos ataques às informações sobre os direitos sexuais nas escolas, os abusadores do poder são capazes de pensar ser inerente ao ensino o funcionamento abusivo, e não ao modo que eles apreendem o ensinar. Todavia as ordens não são tomadas como imperativos de obediência por todos. Ainda assim foi necessária uma longa pactuação institucional para a pesquisa temática poder ser realizada, e com ela, a pesquisa de doutorado que propiciou este artigo.

Procedimentos Metodológicos

Essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos (CEP) do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (CAAE: 00530918.9.00005561). Em todas as escolas vinculadas, houve a supervisão de professores. A articulação inicial envolveu dois professores da área de Ciências Humanas da Rede Estadual de Ensino paulista: uma socióloga e um historiador, professores das escolas 1 e 3, e 2, respectivamente. Reservando-se o sigilo sobre complexas peculiaridades institucionais, algumas características das três escolas podem ser reveladas, considerando elementos de localização na cidade e também da cultura escolar predominante.

A Escola 1 tem uma população de classe média e média baixa. O período de campo se estendeu de outubro de 2019 até meados de abril de 2020. Essa escola estadual é conhecida na cidade por ter uma cultura disciplinar rígida com os estudantes, sendo buscada por pais que encontram materializada nesta escola a expectativa de controle sobre as ações disciplinares, morais e estéticas dos seus filhos. Segundo relatos de campo, apesar de ser reconhecida por sua relativa eficácia no ensino, perpetra valores conservadores atribuídos às organizações cívico-militares, que descredibilizam as condições para uma factualidade dos direitos humanos.

A Escola 2 está localizada próxima ao centro da cidade. É uma escola de ensino médio, com formação técnica e profissional. Por ser reconhecida como uma escola com

boa aprovação em universidades, atraindo estudantes das cidades da Região Metropolitana de Sorocaba. Tem variadas atividades extracurriculares. Em observações de campo, os relatos da pressão por desempenho foram frequentes. A Escola 2 mostrou propagar componentes individualistas de mérito, embora seja considerada relativamente liberal nos costumes (por pressão discente). Possui movimento estudantil atuante e grupos de artes, cultura e esporte. A pesquisa de doutorado acompanhou a Escola 2 de outubro de 2019 a março de 2022.

A Escola 3 fica localizada próxima a uma das entradas da cidade. Não é periférica e seus alunos são de classe média e média-baixa. É considerada relativamente permeável aos valores democráticos, com algumas ações, ainda que incipientes, de combate ao assédio e acolhimento de estudantes LGBTQTs+. Pertence ao Programa Ensino Médio Integral (PEI). Alguns de seus alunos matriculados estudam e trabalham ou buscam emprego, o que dificulta a aderência destes à pesquisa semanal, além de gerar queixas sobre a carga horária exaustiva. Possui movimento estudantil atuante e alternativas artísticas, culturais e esportivas em sua organização. O período de campo da pesquisa de doutorado na Escola 3 foi de setembro de 2021 a dezembro de 2023.

Os dados utilizados na pesquisa de doutorado foram produzidos de diferentes formas. O preparo dos questionários (2019 e 2022) pela equipe da pesquisa temática, o debate das versões junto aos IC-EM, a aplicação dos questionários junto aos terceiranistas das escolas, a avaliação das repercussões sobre a aplicação de cada questionário no cotidiano escolar, os encontros semanais com IC-EM (presenciais ou remotos), as Oficinas de Prevenção Integral, as pesquisas próprias aos grupos de cada turma anual de IC-EM, o preparo e as apresentações anuais dos IC-EM no Simpósio Internacional de Inovação Científica e Tecnológica da USP (SIICUSP), cerimônias de formatura das turmas de IC-EM, além da presença de parte dos IC-EM de uma das escolas em duas edições de um simpósio/encontro de pós-graduação do programa onde a tese foi realizada e a ida da última turma da Escola 3 desses IC-EM à defesa da tese de doutorado que originou este artigo, foram facilitadores para a produção de dados de campo, sempre registrados nos relatos de campo e/ou gravações feitos por toda a equipe local da pesquisa temática.

Nem tanto familiares...

Os jovens mostraram que seus familiares têm modos distintos de lidar com a educação sexual. Jovens vindos de famílias com diálogo aberto sobre educação sexual

estudam nas mesmas escolas dos jovens de famílias que entram em pânico quando qualquer assunto sobre sexualidade e/ou gênero é dito. Para o contexto brasileiro e paulista recente, Emir de Almeida, Felipe Tarábola e Carla Corrochano (2022) argumentaram que um conjunto de ações e movimentos conservadores se opuseram aos conteúdos escolares com abordagens às questões sexuais, de gênero, da diversidade cultural, étnico-racial e religiosa. Nestes movimentos houve defesa do apartidarismo e da prevalência da família na escolha da natureza e da modalidade de ensino dos filhos.

Ao entrarmos em contato com os estudantes do ensino médio, a família apareceu como a instituição de suporte e distribuição dos mais variados agentes na vida dos jovens. Para Deleuze & Guattari (2010a, 2016a) mesmo de dentro da família, os jovens passam por experiências enormes que não são familiares. “Não se trata de negar a importância vital e amorosa dos pais” (Deleuze; Guattari, 2010a, p. 68), mas de saber os lugares e funções ocupadas pelos pais enquanto agentes especiais da conexão de seus jovens. Há um conjunto de relações não-familiares com as partes das máquinas do desejo, este, não trata imediatamente dos pais, mas reporta o amor ou o ódio à mamãe e/ou papai, ou ainda a outros familiares, do ponto de vista do registro muito particular das condições do processo desejante inscrito em cada jovem que, para nossos objetivos, participou com regularidade da pesquisa.

A passagem da vida doméstica para o âmbito escolar propicia, conforme Almeida, Tarábola e Corrochano (2022), posições diferentes das ocupadas pelos estudantes nas suas famílias. No ensino médio os estudantes estão em busca de respostas cruciais para suas experiências. Além da posição de suas famílias na estrutura socioeconômica, os estudantes trazem limitações relativas à vida familiar, que tem a ver com o uso do tempo e a vida social, em relações ambivalentes, com dependência econômica e subordinação às suas famílias. Para estes autores, se alguns estudantes conciliam estudos com trabalho remunerado e têm independência financeira em relação aos outros membros de suas famílias, têm, porém, limitações de outras ordens dadas pelo circuito familiar, do qual buscam se desfilial no intuito de cumprir aspirações culturais específicas da juventude.

Areta, da Escola 2, disse que sua mãe, professora, dava aulas sobre sexualidade para adolescentes, o que não causava problemas. Depois, a mãe de Areta deu aulas no ensino fundamental e, quando falou sobre sistema reprodutor para os alunos, houve pais que reagiram, reclamando. A mãe de Areta buscou explicar que nem toda família ensina aos filhos sobre isso, e as crianças têm o direito de saber, até para se protegerem de abusos sexuais e terem capacidade de decidir sobre o próprio corpo.

Theo, também da Escola 2, tinha muitas questões a falar sobre religião, repetia indignações sobre a hipocrisia observada em certas pessoas autodenominadas religiosas, por não fazerem o que pregavam. Foi difícil encontrar uma metodologia sobre o assunto a partir de pressupostos científicos. Theo assumiu estar com raiva e até generalizando sua raiva contra todos os religiosos. Notou que a mãe de Areta usava sua religiosidade de um jeito que ele gostava. Na ocasião, Areta pretendia fazer um vídeo curto sobre educação sexual nas escolas, inclusive para prevenir abusos. Theo gostaria de revidar as maneiras pelas quais o conservadorismo religioso obstaculizara seu acesso às informações sobre direitos sexuais, e passou a apoiar o projeto de Areta. Areta e Theo são ambos religiosos e de famílias religiosas.

A produção de um vídeo durante a IC-EM foi a tentativa de Areta e de Theo para abrir diálogo sobre o tema, com os grupos religiosos, de dentro da instituição escolar. Com o processo de construção do vídeo quiseram saber se a educação sexual poderia ser aceita na escola. Para isso, realizaram uma pesquisa de opinião sobre educação sexual no ensino médio, com participantes não-identificados da sua comunidade escolar. De um total de 190 respondentes, 129 foram alunos, 54 pais e 7 professores. Essa pesquisa de iniciação científica no ensino médio (IC-EM) foi realizada por meio de um formulário on-line e seus proponentes ficaram surpresos ao saber como a educação sexual escolar foi aceita pela grande maioria: 87% dos respondentes, havendo apenas 4% contra, 7% sem opinião sobre o assunto e 2% outras respostas.

O vídeo foi bem recebido e divulgado na escola, tendo sido o primeiro a ser concluído na IC-EM da turma 2020-2021. Areta e Theo puderam pensar sem silenciamentos ou interdições sobre o que convinha ou não aos seus pensamentos e aos seus corpos. Areta e Theo buscaram expressar, por meio do vídeo, um alento para jovens religiosos assim como eles, ao falarem da educação sexual não só na apreensão reducionista de ensinar a transar. Puderam abordar prevenção às violências sexuais, gravidez indesejada e infecções sexualmente transmissíveis no intuito de, de dentro de um agenciamento maquínico de enunciação, deixar o recado para que as crianças possam se prevenir de abusos, e os jovens possam, além disso, ampliar o leque de enunciações sobre a sexualidade, para um uso prazeroso em seus próprios agenciamentos maquínicos (Deleuze, 2003).

Penetrando na iniciação sexual

Nos encontros anteriores à aplicação do primeiro questionário do projeto temático aos terceiranistas do ensino médio, na Escola 1, em 2019, Angel questionou o termo “penetração”, pois não considerava correto usar essa questão como sinônimo de “penetração peniana”. Ela não pensava no termo estrito, mas de modo intuitivo, em todo o agenciamento coletivo de enunciação (Deleuze, 2003; Deleuze & Guattari, 1997b) sobre o sistema sexo-gênero (Judith Butler, 2016). Angel insistiu em questionar estes pressupostos diante da apresentação dos dados. No primeiro questionário responderam “sim” para haver tido penetração: 50,2 % das mulheres e 53,3% dos homens, com um total de 51,8%. Sobre a idade na primeira relação sexual com penetração, 72,3% tinham entre 15 e 17 anos de idade na ocasião. Angel mostrou que as conexões de corpos com seus fluxos e cortes de fluxos já ocorriam nos agenciamentos maquínicos independente da convergência com os agenciamentos de enunciação (Deleuze, 2003).

Na devolutiva estruturada, um leque tácito a revisar foi aberto. Angel insistiu na questão da iniciação sexual: “... não haveria um pressuposto de que seria entre um homem e uma mulher, ou foi pensado que poderia ser entre duas mulheres ou entre dois homens?” (Angel, Devolutiva do questionário 2019, 31/08/2020). O formato das questões: “você já teve relações sexuais com penetração?”, seguida de “que idade você tinha na sua primeira relação sexual?”, reinterpretadas por Angel, estremeceram a concepção preventiva vigente da relação sexual, já debatida pelas pesquisadoras de base feminista do projeto temático.

A materialidade da penetração supostamente parte do pressuposto de ser entre um homem com pênis e uma mulher com vagina. Práticas sexuais com trocas de contato corporal em suas mais variadas formas ficariam restritas ao ato sexual entre o pênis e a vagina, de uma mulher com vagina e um homem com pênis. Pressuposto que embasa variadas teorias com estratificações muito sedimentadas. Na difícil tarefa de nomear as práticas sexuais, trazendo a inteligibilidade a quem quer que leia essa questão no 3º ano do ensino médio, a pergunta: “você já teve relações sexuais com penetração?” poderia ser interpretada como a penetração de quaisquer partes do corpo ou acessórios.

Com Paulo, da Escola 1, a captura se deu de modo contrário. Um dia ele disse não estar bem, “precisava desabafar”. Havia passado por uma situação constrangedora “eu tava com a vizinha, daí fizemos sexo, daí pegaram a gente no flagra” (Paulo, Acolhimento psicossocial, 22 e 23/06/2021). Ele e sua parceira sexual trancaram a porta do quarto, mas outras pessoas estavam com a chave, eles não tinham “se tocado” que mais gente estava

presente no recinto. Tinham usado camisinha. Paulo contou “ela tem 3 filhos, tem 34 anos acho (...) foi uma confusão, a filha dela começou a chorar, porque a filha dela gostava de mim e tal” (Paulo, Acolhimento psicossocial, 22 e 23/06/2021). Deu a entender que a filha da mulher com quem ele transou não só gostava dele, como viu o ato sexual dele com a mãe dela. Paulo ficou preocupado em “dar b.o.”, “desde o começo deixei claro [que não queria um relacionamento] (...), tô levando xingo até agora” (Paulo, Acolhimento psicossocial, 22 e 23/06/2021), xingos estes da parte de uma das pessoas que o flagrou. Contou, também, sobre a ausência das conversas sobre sexo em seu círculo familiar, sobre sua virgindade de até então, e a confissão sobre sua primeira vez “sinceramente, eu não senti nada!”, “na punheta dá mais prazer” (Paulo, Acolhimento psicossocial, 22 e 23/06/2021).

O “normal” – palavra dele – das suas sensações, tinha sido dito, assim como medidas de prazer e prevenção, do ponto de vista do uso das coisas e práticas sexuais para lhe proporcionar maior conforto, havendo a sugestão de experimentar camisinhas sozinho, camisinhas de tamanho adequado, adesão ao uso de lubrificante e testagem. A mecânica da primeira transa de Paulo foi um problema menos importante para ele “nunca achei que ter uma relação [sexual] seria tão complicado assim!”, entretanto disse “aprendi a lição” (Paulo, Acolhimento psicossocial, 22 e 23/06/2021), sobre escolher melhor as parcerias e contextos para as práticas sexuais.

Angel colocou um elemento pessoal dirigido ao impessoal sobre a penetração. Paulo uma questão personalíssima, ele não fazia a menor ideia de que o impessoal poderia recair nele mesmo. Em ambas as situações retificar o (im)peçoal se impunha. Foi preciso ao elemento pessoal, passar para o impessoal (Deleuze, 1983). Essa passagem de elementos pessoais de quaisquer sexualidades, com ou sem trocas genitais, para o mundo impessoal das questões que recaem sobre o elemento pessoal dos corpos foram reelaboradas no segundo questionário do projeto temático, aplicado em 2022.

Desterritorialização de alguns enunciados sexuais

No intuito de solucionar questionamentos análogos aos de Angel e enrascadas próximas às de Paulo, o projeto temático buscou unir a prevenção das IST, HIV, COVID-19, violência por parceiros íntimos, *bullying*, preconceito e discriminação, saúde mental e outros agravos, na integralidade das prevenções. Assim, as Oficinas de Prevenção Integral foram concebidas e realizadas em novembro de 2022, com IC-EM de duas escolas da região. Para os objetivos deste artigo as oficinas tratam dos pequenos passos

diferenciais que territorializam e desterritorializam, codificam e decodificam, os agenciamentos sobre as cenas sexuais (Deleuze & Guattari, 1996, 1997b; Vera Paiva, 2000); e/ou a sexualidade relativa ao corpo pleno, intensivo, erótico, em níveis ampliados, que pode prescindir do contato genital (Deleuze; Guattari, 1996).

As três Oficinas de Prevenção Integral que ocorreram em novembro de 2022 puderam ser planejadas para cenários de exposição juvenis, regionalizáveis, em uma revisão atualizada das oficinas de Paiva (2000). Foram feitos o mapeamento destes cenários distribuídos nos territórios físicos frequentados pelos jovens do mesmo período de vida daqueles da IC-EM, seguido da construção de personagens em uma dramaturgia de cenas com múltiplas vulnerabilizações. Essas cenas foram decodificadas e o uso das coisas de prevenção foi listado junto com suas práticas utilizadas no contato corporal, então, de pessoas que conectam: ‘pênis com pênis’, ‘vagina com vagina’ e ‘vagina com pênis’, além de eventuais combinatórias. Ambientes ou situações que fazem bem ou mal à saúde mental dos jovens foram incluídas.

Em 03 de junho de 2023 houve a Oficina sobre Sexualidade com os IC-EM, prática formativa em uma universidade pública local. Este dia contou com a presença e supervisão da Profa. Dra. Vera Paiva, que coordena o projeto temático, apoiada pela equipe acadêmica. Para esta Oficina, um agenciamento prioritariamente maquínico de coisas e corpos, mas também enunciativo, foi mobilizado por estudantes da Escola 3, que fizeram uma preparação para seremicineiros, ministrando parte da oficina aos seus colegas da Escola 2, a respeito de práticas e coisas de prevenção às ISTs/HIV. Nesta oficina, o espaço foi protegido para falar sobre temas constrangedores, porém, na escola, os variados usos do corpo e seus movimentos traziam outro clima. A depender do assunto ou com camisinhas por perto, houve sustos ao abrir de portas.

No ensaio do roteiro desta oficina, na busca por não dar risada com as práticas sexuais a serem ditas, usando palavras acessíveis e usuais para os jovens do mesmo período de vida, Pedro perguntou “como é que fala banheirão?” (Pedro, Diário de Campo, 30/05/2023), o nome mais comum para abranger as variadas práticas foi transa ou sexo com mais de uma pessoa. Na Oficina propriamente dita Pedro se prontificou a explicar que, se fosse para fazer sexo com mais de um precisava usar uma camisinha por pessoa, começando pelo orifício ‘mais limpo’ e se prontificou a iniciar a conversa sobre algumas raras informações de parâmetros para uma chuca - ducha íntima higiênica retal - segura, com o uso de utensílio limpo/desinfetado e com água morna (Oficina sobre Sexualidade, 03/06/2023).

De maneira difusa o receio de estudantes, agentes escolares e pesquisadores era o de haver uma reação interna de grupos que colidem na regulação moral da sexualidade. Conforme diagnosticou Sérgio Carrara (2015), esses grupos têm uma noção de sexualidade quase restrita ao uso dos órgãos genitais e vieram se organizando para confrontar as lutas por direitos e proteção social feita pelos ativistas que colocaram em xeque as questões de gênero e sexualidade. Esse receio não foi desmedido, dada a supressão dos termos “gênero”, “orientação sexual” e “sexualidade” nas políticas dirigidas às populações relativas ao Plano Nacional de Educação (PNE) de 2014.

As decodificações e codificações, se fizeram presentes, ainda, na virtualidade de outros espaços. Nos encontros de campo Bella disse se lembrar das oficinas durante as pregações feitas na igreja frequentada por ela “me seguro pra não rir” (Bella, Diário de Campo, 19 set. 2023). Ela observou a distância entre o dito dentro da igreja e a militância moral, feita pela mesma pessoa, se comparada ao que tal pessoa fala dentro da igreja e faz fora da igreja. Exacerbações moralistas foram tipificadas em ‘outras igrejas’.

Uma das Oficinas de Prevenção Integral da pesquisa temática (25/11/2022), suscitou o debate sobre a culpa pelas práticas masturbatórias. Na ocasião foram fornecidas camisinhas para que os estudantes experimentassem colocá-las sem ar em um pepino. Um clítoris tridimensional de borracha circulou também, o que permitiu a manipulação de suas partes externas e internas, não raro seguida de comentários de espanto sobre seu tamanho e formato. Isaac, de criação evangélica, disse que na igreja chamavam masturbação de “pecado, fornicação” (Oficina de Prevenção Integral, 25/11/2022) e indicou dúvida se havia problema com a masturbação a partir de referências da ciência. Recebeu a resposta de não haver problema desde que a pessoa não faça só isso de prazeroso na vida, dada a importância da masturbação para conhecer o próprio corpo, inclusive como treino para o uso de caminha ser algo tranquilo de ser feito na frente de outra pessoa (Oficina de Prevenção Integral, 25/11/2022).

Na avaliação das oficinas da pesquisa temática ocorrida em dezembro de 2023, Kelvin afirmou — sem falar de datas, mas aludindo à 25/11/2022 e 03/06/2023 — que nunca havia tido contato anterior com camisinhas e pegou algumas da primeira oficina na intenção de experimentar sozinho para saber como era. Na segunda oficina e tentativa ele disse ter planejado um dia quando seus pais não estavam em casa. “A primeira vez ele disse que não deu certo, mas na segunda sim (...). Na escola esteve conversando com colegas sobre o assunto, sobre como se sentir preparado para o ato deixava ele mais tranquilo” (Diário de campo, 11/12/2023). Quando a prática sexual pode acontecer com

uma pessoa, então com o uso da camisinha que ele já sabia colocar, “foi tranquilo” (Kelvin, Diário de campo, 11/12/2023). “Todos entraram no consenso sobre o quanto isso ajuda no nervosismo e pra ficar mais tranquilo no ato” (Diário de campo, 11/12/2023).

Na oficina sobre saúde mental ocorrida em 25 de novembro de 2022 a possibilidade de ter uma vida sexual com boa(s) parceria(s) não apareceu desvincilhada da saúde mental. Estar vulnerável a seguir um enredo de vida sexual com mau desfecho dependente das próprias ações foi associado qualitativamente pelos IC-EM a ter uma saúde mental com prejuízos psicossociais. Já uma boa saúde mental foi vista como protetiva para não “dar ruim” nas práticas sexuais. Aliás, as situações e ambientes que mais trouxeram mal-estar à saúde mental foram a escola vista como cobrança de desempenho e de classificação em vestibulares, lugares aglomerados e com possibilidade de ocorrência de assédio e os banheiros escolares. O próprio quarto, animais de estimação, a escola vista como local de apoio nas amizades e os ambientes com natureza foram os considerados mais protetivos à saúde mental destes jovens.

O equívoco dos códigos culturais: compulsoriedade do assédio e violência

Em fevereiro de 2022, a organização do projeto temático visava suscitar a prevenção ao HIV e à COVID-19, no debate anterior ao Carnaval, a partir da série “*It’s a sin*”, com episódios sobre a eclosão inglesa da epidemia de aids (Davis, 2021). Foi solicitado aos estudantes que fossem presencialmente e/ou assistissem a série para o debate. No cenário local onde essa pesquisa de doutorado foi desenvolvida, faltaram em peso. Na série, não se usava máscaras, e o HIV estava apartado dos limites de proximidade física da COVID-19 vivenciada no dia a dia escolar. Na ocasião, a vacina contra a COVID-19 não havia chegado para os adolescentes da faixa etária dos que participavam da IC-EM e permanecia sendo fonte de preocupação na escola. Entretanto, a tarefa disparou o rescaldo de uma conversa sensível e difícil. No encontro subsequente, reservado para a atividade de discussão sobre a série junto da equipe acadêmica, apenas Louise foi ao encontro.

Ao ser questionada sobre o que mais havia lhe chamado a atenção sobre a série, Louise falou sobre a cena de um personagem masculino, gay, assediado sexualmente por seu chefe alfaiate, em uma viagem. Louise contou estar mal, ansiosa, desde o começo das aulas, e que tinha piorado sua saúde mental depois da mudança de sala, de uma das suas colegas “que colocava freios” em um menino. Conforme foi sendo cuidadosamente ouvida pela miniequipe de pesquisa, Louise colocou a mão na testa e trêmula contou “ele

faz desses comentários [sem dizer quais] com outras três meninas”, foi dando sequência a frases soltas “ele me sexualiza demais”, “(...), ele não chegou a tocar em mim, apenas verbalizou” (Louise, Diário de Campo, 11/03/2022).

A partir disso ela compartilhou o assédio sofrido de um colega de sala, o Tiago, no começo do ano letivo de 2022, na sala de aula. Disse Louise sobre Tiago: “ele falou pra mim: ‘você é tão bonita que eu te estupraria’” (Louise, Diário de Campo, 11/03/2022). Não por acaso a frase dita por Tiago remete à cena de 2014, de ampla repercussão nas mídias: o então deputado Jair Bolsonaro estava no Congresso Nacional e disse que não estupraria a também deputada Maria do Rosário, porque ela “não merece”. Conversamos sobre o fato da colocação de Tiago não ter sido um elogio, nem brincadeira, mas uma ameaça. Diante da intimidação disfarçada de elogio, Louise contou com a voz chorosa: “estou com medo”; “ele sempre nega, fala que não, que não, que não, mas ele faz isso”. “Estou com medo de encontrar ele (no caminho para a sala de aula)” (Louise, Diário de Campo, 11/03/2022). Tocou o sinal para a aula começar e ela foi mesmo assim. Duas professoras, uma pesquisadora do temático e eu — a primeira autora deste artigo — orientamos Louise a não ficar sozinha com o Tiago.

Mais tarde, a professora supervisora escolar do projeto contou, por mensagem, que o diretor da escola havia sido comunicado. A mãe do Tiago tinha ido buscá-lo na entrada da escola porque alguns alunos queriam bater nele, ou seja, ela foi na escola para proteger o seu filho de violência física, sem saber da violência moral que ele havia cometido. Os responsáveis pela escola falaram com Louise e com Tiago. Houve suspensão de cinco dias para o Tiago e quando a mãe dele foi buscá-lo na saída da escola ficou então ciente do motivo pelo qual os estudantes iam bater no seu filho (Diário de Campo, 12/03/2022).

Esteve estabelecida uma ética draconiana entre os estudantes, que revidariam ao ato do agressor também com violência, pois esta foi a única maneira, horizontal e direta, encontrada para combater uma antiga “passação de pano” institucional, ainda reverberante na escola. Este acontecimento suscitou ampla discussão ‘de corredor’ entre os estudantes, mas trouxe outros conflitos à tona. Encontrou pronta resposta da professora supervisora e dos dirigentes escolares, com medidas cabíveis para a ocasião. Porém, diante de ter havido outras situações de assédio no passado, a sensação entre estudantes foi a de impunidade. A suspensão foi interpretada como leve demais.

Por meio da pesquisa local, Louise pode agenciar alianças para intervir no assédio juvenil. Ao enfrentar as mentiras reiteradas de Tiago e buscar apoio na pesquisa e na equipe gestora escolar, Louise expôs o flagra do que Tiago não diz, naquilo que de fato

ele faz, falseia e dissimula. Todavia a resposta institucional ainda esbarra no limite das culturas de gênero locais. Este tipo de assédio se deu pela assimetria institucionalizada da divisão do poder entre os gêneros. Quando o assédio é observado na porcentagem estratificada do segundo questionário da pesquisa temática, ele veio acometendo muito mais as meninas e mulheres: 30,4 % das alunas e 9,6% dos alunos disseram ter sido assediados. Em relação a quem cometeu o assédio, alunos do gênero masculino estão na primeira posição com 15,2 %, do total, seguidos pelos professores homens assediadores, com 3,7 % e, na terceira posição, o assédio realizado por alunas, com 3,5%. A resposta para professoras assediadoras foi em torno de 1%.

O tema do assédio entrou no projeto temático solicitado pelas jovens IC-EM de variadas escolas, que sofreram ou presenciaram cenas, sendo incluído no questionário de 2022. Cristiane Silva, Vanessa Leite e Júlia Pontes (2023) mostraram que o uso do termo assédio foi empregado pelas jovens para designar e questionar violências sofridas por hierarquias de gênero e faixa de idade, inclusive na denúncia do silenciamento ou da inadequação institucional sobre o tema. Em campo, a coragem de encarar a verdade de ter sofrido ou sabido de assédio/abuso foi dita: “tem coisa que a gente só se dá conta depois (...) não era brincadeira” (Jullie, Aplicação do questionário 2, 09/06/2022). Mas, também, o medo da reação dos pais, nos sinais de esgarçamento da hierarquia familiar, com as mentiras inevitavelmente contadas diante da pressão exercida no controle da sexualidade de outra menina: “se eles souberem que eu já transei eles me batem” (Valentina, Aplicação do questionário 2, 09/06/2022).

No debate da formulação das questões do segundo questionário, houve, dentre outras, para violência sexual, a sugestão de Noah: “pergunta se a pessoa já foi forçada, mas com jeito” (Noah, Diário de Campo, 25/03/2022). Essa pergunta, junto das sugestões das jovens da IC-EM tais quais as denunciadas por Silva, Leite e Pontes (2023), foi reformulada pela equipe do temático, com gradações de gravidade, para “*Alguma vez você foi forçado(a) a ter contato sexual quando você não queria?*”. Os dados para pessoas forçadas a ter contato sexual sem penetração ou a manter relações sexuais com penetração foram preocupantes. Proporcionalmente, em uma suposta sala com 30 pessoas, seis pessoas haviam passado por alguma(s) dessa(s) violências, a maioria do gênero feminino.

Com os IC-EM acompanhados houve um relato com forte indício de violência sexual intrafamiliar. Foi disponibilizada a informação sobre a possibilidade de orientação e/ou denúncia na Delegacia da Mulher, onde, conforme uma advogada local com experiência histórica no território, há o acompanhamento atual (em 2023) mais eficaz dos

disponíveis na região para essas situações. Além da informação sobre ser a Defensoria Pública o órgão responsável pela cobrança de pensão alimentícia, houve encaminhamento para psicologia clínica. Essas medidas foram tomadas tendo em vista a proteção e o aumento da capacidade de agir juvenil.

No segundo questionário da pesquisa temática houve forte associação entre “mal-estar psicológico” e ter sofrido algum tipo de violência sexual. No encontro local com os IC-EM, conversamos sobre a importância de não apartar enfrentamento às violências da vida, pois embora a violência sexual deixe marcas na saúde mental, o que precisa ser combatido não é apenas o sintoma que traz o sofrimento para a saúde mental, mas os determinantes sociais causadores da violência sexual.

Um *script* cultural das assimetrias de poder entre os gêneros foi analisado pelos IC-EM locais na ocasião do preparo do resumo para o SIICUSP (2023). A partir da transcrição de um grupo focal com 06 participantes meninas do ensino médio de escolas das três cidades do projeto temático foi relatada a sexualização do corpo de ‘novinhas’, com idade aparente de 10 a 12 anos de idade, em danças com o corpo à mostra no TikTok. Se uma mulher apontava o fato da menina ser menor de idade nos comentários dos vídeos, homens desqualificavam “ah, você, você é uma mulher velha e feia e você está com inveja dela, porque, ela é nova e bonita e você velha e feia” (Grupo focal, 21/08/2021), com regulação frente à sexualização dos corpos ditadas pelas opiniões dos usuários que baniam mulheres adultas e/ou gordas com o corpo à mostra. Os IC-EM analisaram que comentários assim são constantes na internet e impactam a saúde mental dos jovens, pois exigem autorregulação deles diante de comentários feitos por adultos.

Jovens e suas práticas de descodificação

Um corpo sexuado vai além das práticas sexuais. Quando Butler (2016, p. 24-25) escreve sobre a ordem compulsória da correspondência entre sexo-gênero-desejo, realoca as consequências deste problema. Se a princípio “sexo” estaria dado no sentido anatômico e fisiológico dos órgãos sexuais; “gênero” remeteria às significações culturais assumidas por um corpo (pré-discursivo e sexuado). Não há, porém, construção puramente cultural de gênero sem que o elemento pré-discursivo de uma natureza sexuada tensione o aparato da construção cultural de gênero. Assim, gênero decorre, também, dos poderes ocultados no elemento pré-discursivo sobre o corpo sexuado, de modo que Butler (2016, p. 24-25) indica estar o desejo no meio dessa tensão.

Chelsea, da Escola 2, que havia feito questionamentos sobre divisões culturais de

atividades por gênero, ficou grávida no decorrer de sua participação na pesquisa. A conciliação do último ano do seu ensino técnico com o pré-natal lhe exigiu reorganizações de agenda, contudo seguiu participativa no projeto. Chelsea, então gestante, contou que montar o quarto do bebê foi lhe colocando para questionar as determinações culturais de gênero. Ela relacionou isso aos resultados do primeiro questionário, no qual 1% das pessoas, 7 respondentes, não se consideravam pertencentes aos gêneros nem masculino, nem feminino. Descreveu seu sentimento de raiva por só ter roupa “daquele azul clarinho” (Chelsea, Diário de Campo, 17/08/2021), em lojas para bebês. Comentou a oferta restrita de cores para as roupas do bebê: “Só pode ter roupa amarela, cinza, pra rico! Pobre tem que ficar sempre com essa roupinha azulzinha. Você é pobre e não tem escolha” (Chelsea, Diário de Campo, 17/08/2021), desabafou. Em sua pesquisa pessoal sobre os nomes disponíveis para o bebê foi convocada a escolher um e observou o quanto mantém a regra da binaridade de gênero “nome de bebê tem que ser feminino ou masculino, não tem outro” (Chelsea, Diário de Campo, 17/08/2021).

Para tratar do racismo contra pessoas negras, Dandara, da Escola 2, estudou o livro de Silvio de Almeida (2019), “Racismo Estrutural”. Dandara foi tocada pela desproporcionalidade na imputação de erro “crianças negras ‘crescem’ mais rápido, ficam maduras mais cedo e podem ser responsabilizadas como adultas” (Dandara, Diário de Campo, 10/02/2021), a exemplo do encarceramento e da violência obstétrica. Ela foi elaborando aos poucos os modos pelos quais o racismo estrutural se exerce, no processo que coincidiu com o de sua transição capilar, tendo percebido a cobrança de usar cabelos lisos “o olhar negativo era pior quanto mais crespo era o cabelo”; “eu olhava a pessoa com cabelo liso e pensava, que sorte que ela tem” (Dandara, Diário de Campo, 10/02/2021). As colocações de Dandara coincidiram, também, com as de David Williams (2018) sobre o quanto as imagens culturais negativas podem afetar adversamente o bem-estar psicológico, o desempenho nos exames escolares e a realização socioeconômica destes estudantes. Isso se estende desde a dificuldade de encontrar emprego até o preterimento nas paqueras.

Em um dos primeiros encontros de pesquisa na Escola 3, sobre Saúde Sexual e Reprodutiva, Murilo, um estudante reservado, que usava roupas com uma paleta de cores sóbrias, aliás ele sempre usava azul, jeans, preto, verde, cinza e grafite. Com o fluir da conversa sobre ter abertura ou não para falar sobre prevenção às ist’s/hiv e vida sexual com os familiares, Murilo disse que seu irmão era bissexual, sendo mais tranquilo conversar sobre sexualidade com sua mãe se comparado ao seu pai, perguntei a ele se isso

facilitava a convivência em casa, então Pedro olhou para Murilo e se prontificou a responder no lugar dele “ou não, proibido é mais gostoso!” (Pedro, Diário de Campo, 29/10/2021), Murilo riu. Nos últimos encontros que frequentou, Murilo se assumiu gay em uma apresentação informal para outros estudantes.

Também na Escola 3 houve a seguinte fala de Pedro na frente de Mel: “Mel, por ser lésbica, seria o que chamam hoje de sapatilha, uma Montana S-10, seria uma versão delicada do que chamam de mulher caminhoneira, sapatão, uma mulher mais masculinizada” (Pedro, Diário de Campo, 13/06/2021). Mel e Pedro falaram que Mel seria “uma Montana rosa, com farol de cílios postiços” (Diário de Campo, 13/06/2021). Eu perguntei para a Mel se esse rosa era cintilante, ela respondeu de pronto, engrossando a voz “não, rosa fosco!” (Mel, Diário de Campo, 13/06/2021). Pedro seguiu com as alusões aos acessórios remetidos a uma performance de gênero binária “Mel é uma sapatilha 37, Moleca, nude” (Pedro, Diário de Campo, 13/06/2021). Mel disse: “nude, credo!”, Mel afirmou “a minha namorada [‘caminhoneira’, lésbica] parece e é, eu não preciso parecer para ser” (Mel, Diário de Campo, 13/06/2021). Mel havia mostrado as unhas longas crescidas dos seus próprios dedos, sempre bem esmaltadas em cores foscas, unhas que já não roía mais.

Pedro, da Escola 3, havia dito não ter liberdade para falar com a família sobre a sua vida sexual, mas conseguira conversar com os amigos sobre o assunto. “Sempre tive trejeitos, sou bi, sempre fui muito zoadado, sofri bullying (...) minha mãe tinha tentado me mudar de escola” (Pedro, Diário de Campo, 29/10/2021) — para lhe deixar “hétero — mas diante da atração sexual que ele sentia por tantos estudantes bonitos na escola, o efeito foi o contrário, “e eu vim aqui para [Nome da Escola 3], foi como se ela tivesse me colocado no exército, isso aqui é o paraíso” (Pedro, Diário de Campo, 29/10/2021).

Noah, da Escola 3, disse que, ao assumir sua transexualidade na escola, teve o apoio de um professor a quem pediu ajuda para contar aos outros: “eu pedi para ele contar, tenho dificuldade com as palavras” (Noah, Diário de Campo, 09/05/2023). Explicou ter sido difícil na sua família, pois, apesar de sua mãe ter lhe dito “já sabia”, ficou chorando. Seu pai é ausente e seus parentes de cidade pequena relutam em tratar-lhe pelo nome masculino. Um casal de sua família estendida promove a aceitação de Noah, chamando-lhe pelo nome de um personagem de masculinidade clichê, estereotipado, assistido por sua família em um programa humorístico televisivo. Com isso buscam ao mesmo tempo dizer que aceitam a autoidentificação de gênero de Noah e “bugam” a família, fazendo-a pensar “agora a sobrinha do Flávio é um sobrinho” (Noah, Diário de Campo, 09/05/2023).

Durante as oficinas de 2022, a mais inusitada entre as dúvidas talvez tenha sido a de Júnior, da Escola 2, se “tem camisinha vegana (...)?” (Júnior, Oficina de Prevenção Integral, 25/11/22). Após uma breve pesquisa, a resposta foi “sim, sem caseína”, uma proteína do leite presente nas camisinhas comuns. Dentre tantas possibilidades sobre o uso nas práticas sexuais o estudante do curso técnico de Química quis saber sobre aquela que não tinha a ver diretamente com masturbações, orgasmos, sexos orais, anais ou vaginais, mas com a presença de quaisquer elementos de origem animal na camisinha. Esse aspecto de expressão da subjetividade, ao mesmo tempo multicultural e político, mostra que práticas de liberação sexual e práticas de liberdade (Foucault, 2006) nem sempre andam juntas. Na autodeterminação deste estudante, talvez se abster de caseína seja a dúvida mais importante a ser sanada.

Para Lysah, da Escola 3, a autonomia financeira apareceu como requisito para alguma liberdade divergente dos valores familiares. Seus pais não proveriam além do básico e suas tias lhe davam suporte financeiro em uma ou outra coisa, ou nos cursos, para ela estudar, “ser alguém melhor que o meu pai” (Lysah, Diário de Campo, 25/04/2023). Ela foi grata às tias por se preocuparem com o seu futuro, sabia ser inviável pagar algumas coisas só com o dinheiro de seus pais, porém, a mensagem incluída junto com a oferta a entristeceu. Sobre a sua bolsa de pesquisa ela falou sorrindo. Foi após o recebimento do dinheiro da bolsa que ela conseguiu elaborar estar se descobrindo e não saber ao certo sua orientação sexual.

Em certa ocasião Bella, da Escola 3, disse dormir se mexendo, fez uma tremidinha com o corpo e seguiu dizendo que seu sobrinho faz igual. Noah e Mel riram de enrubescer e disseram respectivamente “sei”, “sei que você se mexe ‘assim’ para dormir” (Noah e Mel, Diário de Campo, 09/05/2023), ambos repetiram o gesto de tremer o corpo — insinuando que a tremidinha era a masturbação noturna de Bella — só ela não tinha entendido. Foi preciso avisar “essa tremidinha aí que cada um faz ‘sem ninguém perto’” (Diário de Campo, 09/05/2023). Bella respondeu: “tá louco vocês! Meu sobrinho!” (Bella, Diário de Campo, 09/05/2023), não tinha nada de atividade sexual ali. Cenários de privacidade facultativa não se desvencilham de pobreza ou riqueza. Um agenciamento caótico de *scripts* toma conta das culturas sexuais. Aqui o clima foi amigável, mas nem sempre é assim. Abstrações violentas ao se encarnarem podem recair sobre os corpos, principalmente os corpos jovens das meninas e mulheres, em geral não-brancas, e todos LGBTs+.

As normativas de gênero e sexualidade reiteradas nas escolas e demonstradas sem

raridade por relatos de assédio, *bullying* e desdém contra orientações sexuais e expressões de gênero não heterossexuais foram frequentes e convocaram o intocado das inadequações institucionais para lidarem com o tema (Silva, Leite e Pontes, 2023). Nos questionários da pesquisa temática aplicados em 2019 e 2022 os terceiranistas respondentes afirmaram sobre não ter atração exclusivamente heterossexual (questionário 2019) ou ter atração não-heterossexual (questionário 2022) em torno de 55% das alunas e 20 % dos alunos, e 45% para as estudantes e 20% para os estudantes, respectivamente.

Os IC-EM da turma 22-23, da Escola 3, se sentiram representados pela porcentagem do segundo questionário e disseram sobre o conflito entre, por quem se sentem atraídos, e o que é esperado na família, fizeram comentários do tipo “em casa pesa ter que ser uma pessoa que não se é, para agradar aos pais”. A saída de Noah para o entrecruzamento de valores que vive na família, nas instituições e junto aos seus amigos foi “quando me perguntam sobre o que é isso que eu to fazendo, aí eu penso em tudo isso [cenas hilárias], me seguro pra não rir, e digo ‘pesquisa’, está muito além do que você pode imaginar, nem vou explicar (...). Eu queria fazer isso aqui:” (Noah, Diário de Campo, 19/09/2023) se jogou no chão com tatame de e.v.a, depois ficou em posição fetal, levantou-se rindo, ajeitou o topete e voltou para a roda.

Em dois dos encontros sobre aparência física — tema ansiogênico — Mel, Pedro e Noah não paravam, ficavam procurando coisas para mexer. Pensar nos rígidos padrões de beleza, principalmente os ditados na internet, trazia desconforto. As expressões de inquietação nos corpos trouxeram material para descodificar e desterritorializar. Noah ficava mexendo com uma caixa dos fones de ouvido, Pedro disse para Noah: “dá aqui o meu fone, tó — pega aqui [um elástico de cabelos] — mexe nesse aqui que não quebra” (Pedro, Diário de Campo, 20/06/2023). Pedro com as pernas inquietas. Mel não parava de apalpar o peito de Pedro, era só para ter algo em mãos. Mel disse: “não acontece nada” (Pedro, Diário de Campo, 13/06/2023), Pedro concordou “eu sou gay, ela é lésbica, não acontece nada” (Pedro, Diário de Campo, 13/06/2023). Estávamos na antiga sala dos professores e tocamos em questões sensíveis de pesquisa relacionadas aos padrões de beleza, principalmente os corporais, expostos na internet.

O corpo em instituições de racionalidade encontra alguma constrição. O processo pedagógico é inescapável de suas disciplinas, bell hooks (2013, p. 253-254) não conseguia se lembrar de corpos inteiros no ensino institucional, tampouco sabia o que fazer quando sentia vontade de ir ao banheiro durante as aulas ministradas por ela. Com os IC-EM do mesmo subgrupo, em outra sala, reservada às corporalidades, movimentos

mais amplos tinham a permissão institucional, sendo possível sentar-se no chão, por exemplo. O corpo pôde se expandir e os movimentos curtos e repetitivos já não saltavam à vista. Havia espaço para posicionar o próprio corpo, buscando algum conforto junto dos assuntos de difícil elaboração sobre práticas sexuais ou processos de medicalização da beleza, tal como concebidos por Poli Neto & Caponi (2007). Era propício aos IC-EM falarem sobre o que lhes afligia, corpo feminino, corpo masculino, corpo de menina, corpo comparado, corpo de mulher, corpo trans.

Considerações Finais

Não se trata de colocar sob uma ótica positiva ou negativa a prática sexual ou a ausência dela na vida dos jovens do ensino médio. Importa que as práticas sexuais sejam possíveis e oportunas para quem as quer e estejam distantes de quem não tem essa vontade, na condição momentânea de cada um dos jovens. Todavia, nos agenciamentos de desejo, não há produção desejante solta, ela é ao mesmo tempo produção social, histórica, geográfica, política, econômica, física, que tem a ver com a vontade ou a ausência de vontade de fazer sexo, como mostraram os IC-EM Angel, Paulo, Chelsea, Murilo, Valentina, Jullie e Júnior.

Assim, colocar freios no assédio, na violência, embutidos em tutoriais compulsórios para as práticas sexuais não se separa da denúncia de inadequações ao mesmo tempo silenciadas e institucionalizadas sobre o tema. A sexualização de Louise, o racismo estrutural diagnosticado por Dandara, padrões culturais lgbt+fóbicos identificados por Pedro, Mel e Noah e o estudo sobre os padrões de beleza rígidos, indica ser tolerável subjugar corpos, mas intolerável a exposição dos que quebram as regras estéticas ou desocultam os poderes binarizantes do elemento pré-discursivo sobre o corpo sexuado.

Além disso, modular em qual medida a filiação ou desfiliação aos valores familiares pode ser oportuna para a vida juvenil, em contrapartida às moralizações apavoradas, fez parte do processo de Areta, Theo, David, Bella, Lysah, Isaac e Kelvin, para pensar a respeito, realizar pequenos passos, e após algum ensaio, mostrar que interviam em suas próprias vidas, alterando o modo como apreendem e se relacionam com parte de seus cenários culturais.

Ter tido um espaço protegido, participativo, para fortalecer o clima de amizade em alguns subgrupos e trabalhar questões importantes para os IC-EM propiciou que suas capacidades de afetar e serem afetados se intensificassem. Ao menos sentimos assim em

relação a eles e outros jovens da IC-EM que fizeram parte de tudo isso e não aparecem citados ‘nominalmente’ aqui. Tocar no tema das práticas sexuais que se fazem e se desfazem, solicitou a noção de agenciamento mais ampla, porque, em certas ocasiões fica fácil reconhecê-la, mas em certos momentos, a situação fica tão abstrata que escapa até de ser descrita. De todo modo, ela continua ali, máquina abstrata viva, real, seja com presença física atual ou virtual, duplamente virtual, talvez, atuando nas afecções.

Agradecimentos

Ao PPGEd-UFSCar-So pelo acolhimento dos jovens em seu espaço físico. A toda a comunidade das escolas que participaram da pesquisa, em especial aos jovens da IC-EM. A todos os pesquisadores da equipe que produziram dados das pesquisas temática e de doutorado no período relacionado.

Referências

- ALMEIDA, Silvio de. *Racismo Estrutural*. São Paulo: Pólen, 2019. (Coleção FEMINISMOS PLURAIS).
- ALMEIDA, Elmir de; TARÁBOLA, Felipe de Souza; CORROCHANO, Maria Carla. The participation of youths-students in secondary schools: learning, generational relations, and political inventiveness. *Foro de Educación*, Salamanca, v. 20, n.01, pp. 88-107, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.14516/fde.931>. Acesso em: 12 mar. 2023.
- BELL HOOKS. *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2013.
- BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. *Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014*. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2014/lei/113005.htm. Acesso em: 13 jul. 22.
- BUTLER, Judith. Sujeitos do Sexo/Gênero/Desejo. In: BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero – Feminismos e Subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p.17-60.
- CARRARA, Sérgio. Moralidades, racionalidades e políticas sexuais no Brasil Contemporâneo. *Mana*, Rio de Janeiro. v. 21, n. 2, p. 323-345, ago. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-93132015v21n2p323>. Acesso em: 5 fev. 2020.
- DAVIS, Russell, T. It’s a sin. Temporada 1. Episódio 2. HBO. 2021
- DELEUZE, Gilles. Em que se pode reconhecer o estruturalismo? [1967]. In:

LAPOUJADE, David (org.). *A ilha deserta e outros textos*. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Iluminuras, 2006, p. 129-154.

DELEUZE, Gilles. Sade, Masoch e suas linguagens. *In: Apresentação de Sacher-Masoch*. O frio e o cruel. Com o texto integral de "A Vênus das peles". Trad. Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Taurus Editora. 1983. p 17-27.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: para uma literatura menor*. Trad. Rafael Godinho. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Vol. 2. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997a. (Coleção TRANS).

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. Vol. 3. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996. (Coleção TRANS).

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Suely Rolnik. Vol. 4. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997b. (Coleção TRANS).

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. Vol. 5. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997c. (Coleção TRANS).

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-édipo*. Trad. Luiz B. Orlandi. São Paulo: Editora 34. 2010a. (Coleção TRANS).

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a Filosofia?* Trad. Bento Prado Jr. e Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34. 1992. (Coleção TRANS).

DUBET, François. Des jeunesses et des sociologies. Le cas français different youths and different sociologies. The french case. *Sociologie et Sociétés*, [S. l.], v. 28, n. 1, p. 23-35, set. 1996. Disponível em: <https://doi.org/10.7202/001202ar>. Acesso em: 30 jun. 23.

FOUCAULT, Michel. A Ética do Cuidado de Si como Prática da Liberdade. *In: Motta, Manoel de Barros da (org.). Ditos e Escritos. Ética, sexualidade, política*. 2. ed. Trad. Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 264-287.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A invenção da "ideologia de gênero": a emergência de um cenário político-discursivo e a elaboração de uma retórica reacionária antigênero. *Rev. psicol. polít. [online]*. São Paulo, v.18, n.43, pp. 449-502, set./dez. 2018. ISSN 1519-549X. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2018000300004&lng=pt&nrm=iso . Acesso em: 02 fev. 2020.

PAIVA, Vera Silvia Facciolla; GARCIA, Marcos Roberto Vieira. Sofrimento Psicossocial e Sexualidade em Tempos de Covid-19 e de Ataque aos Direitos Humanos.

Estudos & Pesquisas em Psicologia, Rio de Janeiro, v. 22, n. 4, p. 1329-1350, 2022.
Disponível em: <https://doi.org/10.12957/epp.2022.71641>. Acesso em: 12 dez. 22.

PAIVA, Vera. *Fazendo arte com a camisinha: sexualidades jovens em tempos de aids*. São Paulo: Summus Editorial, 2000.

POLI NETO, Paulo; CAPONI, Sandra Noemi Cucurullo de. A medicalização da beleza, *Interface*, Botucatu, v. 11, n. 23, p. 569-584, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-32832007000300012>. Acesso em: 14 ago. 2023.

SILVA, Cristiane Gonçalves da; LEITE, Vanessa Jorge; PONTES, Júlia Clara de. Dimensões do assédio na escola: diálogos sobre gênero com jovens estudantes do ensino médio de São Paulo/Brasil, *Interface*, Botucatu, v. 27, p. 1-15, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/interface.210649>. Acesso em: 11 set. 2023.

WILLIAMS, David Rudyard. Stress and the Mental Health of Populations of Color: Advancing Our Understanding of Race-related Stressors. *J Health Soc Behav (JHSB)*, v. 59, n.04, pp. 466-485, dec. 2018. DOI: 10.1177/0022146518814251, <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30484715/>. Acesso em: 25 mai. 2022.

Recebido em maio de 2024.

Aprovado em agosto de 2024.